

**AS MULHERES NO PAPEL: CORPOS E EMOÇÕES NOS  
DIÁRIOS DE RUTH BUENO E MARIA HELENA CARDOSO**

*Mariana Lamenha Farinha de Oliveira* (UNIGRANRIO)

[marianalamenha@unigranrio.br](mailto:marianalamenha@unigranrio.br)

*Daniele Ribeiro Fortuna* (UNIGRANRIO)

[drfortuna@hotmail.com](mailto:drfortuna@hotmail.com)

**RESUMO**

Este texto tem como objetivo apresentar uma análise comparativa dos diários e livro de memória das escritoras Ruth Bueno e Maria Helena Cardoso. Pouco conhecidas do público em geral, ambas escreveram suas obras no final dos anos 1950, início da década de 1960. Em seus textos, falam sobre seu passado, sua família, seu dia a dia. Mas também dividem com o papel suas emoções. Nesse sentido, o intuito é refletir sobre a forma como Ruth e Maria Helena falam sobre suas emoções e como isso se reflete em seus corpos. A discussão baseia-se em um escopo teórico sobre as escritas de si, principalmente nas obras de Philippe Lejeune (2014) e Maria José Motta Viana (1995).

**Palavras-chave:**

Corpo. Diário. Emoção.

**RESUMEN**

Este texto tiene como objetivo presentar un análisis comparativo de los diarios y libro de memorias de las escritoras Ruth Bueno y Maria Helena Cardoso. Poco conocidos por el gran público, ambos escribieron sus obras a finales de los 50, principios de los 60. En sus textos, hablan de su pasado, su familia, su vida cotidiana. Pero también comparten sus emociones con el papel. En este sentido, la intención es reflexionar sobre la forma en que Ruth y Maria Helena hablan sobre sus emociones y cómo esta se refleja en sus cuerpos. La discusión se basa en un alcance teórico sobre los escritos de sí mismo, principalmente en las obras de Philippe Lejeune (2014) y Maria José Motta Viana (1995).

**Palabras llave:**

Diario. Emoción. Cuerpo.

**1. Introdução**

Quando se fala em diário, a primeira imagem que vem é de um caderno no qual se anota o cotidiano de forma fragmentária e separada por datas. Embora hoje haja outros tipos de diário – muitos consideram que as redes sociais seriam um –, a imagem corresponde à descrição de Philippe Lejeune (2014), um dos maiores especialistas nas escritas de si.

Referindo-se a Lejeune, Fortuna (2019, p. 20) afirma que “o diário reúne vestígios, que fixam o tempo” e apresenta importantes funções: “conservação da memória, sobrevivência, desabafo, autoconhecimento, resistência, refúgio, reflexão e prática da escrita”. O diário seria, então, um confidente, com o qual podemos desabafar, encontrar abrigo das intempéries da vida. Ao longo de suas páginas, “o eu escapa momentaneamente à pressão social, se refugia protegido em uma bolha onde pode se abrir sem risco, antes de voltar, mais leve, ao mundo real” (LEJEUNE, 2014, p. 303).

Em relação às memórias femininas, o diário tem um papel ainda mais importante, pois se trata de um espaço de fala para quem tem, em alguns casos, poucas chances de se expor. Nesse sentido, este artigo busca analisar o diário e as memórias de duas escritoras: Ruth Bueno e Maria Helena Cardoso. Pouco conhecidas do público em geral, ambas escreveram suas obras no final dos anos 1950, início da década de 1960. Em seus textos, falam sobre seu passado, sua família, seu dia a dia. Mas também dividem com o papel suas emoções.

Nesse sentido, o intuito é refletir sobre a forma como Ruth e Maria Helena abordam suas emoções em suas obras como isso se reflete em seus corpos. Iniciaremos este texto tratando sobre a escrita diarística feminina, para, em seguida, discutir o tema principal do artigo: corpos e emoções nos diários de Ruth e Maria Helena.

## **2. *Escrever memórias ou um diário: dar voz a quem não tem***

Durante muito tempo, as mulheres necessitaram de autorização masculina para diversos atos sociais. Até 1934, a mulher precisava de autorização do marido para trabalhar, por exemplo. Assim, o diário se configurava – e ainda se configura – como um espaço de desabafo.

Segundo Viana (1995), os primeiros textos de memórias femininas no Brasil datam do final do século XIX. Entretanto, foram publicadas muitos anos depois. Naquele momento, havia pouca participação das mulheres na vida pública. Elas deviam se concentrar na casa, prestando sempre obediência e dando satisfações a seus pais e, na fase adulta, aos maridos.

Vianna (1995) aponta ainda que as mulheres deviam se comportar de forma recatada e discreta. Na adolescência, os pais incentivavam a

escrita do diário, porque acreditavam que escrever seu dia a dia num papel ajudaria cumprir esta exigência.

A pesquisadora cita como exemplo a escritora Helena Morley, autora de um dos primeiros diários femininos escritos no Brasil, “Minha vida de menina”. O pai da escritora a incentivava a escrever, porque achava a filha muito questionadora e pouco obediente. Acreditava que, ao se dedicar a essa atividade, ela poderia se modificar, tornando-se apta para o casamento (VIANNA, 1995).

Com isso, embora o diário fosse um espaço de desabafo, havia uma espécie de censura interna, “nascida da incorporação de valores, concepções e preconceitos que o contexto sociocultural impõe a cada sujeito, muitas vezes mais impermeável e castradora do que mecanismos censores externos” (VIANA, 1995, p. 18).

Nesse sentido, Fortuna (2019, 15) afirma que “sempre aprisionadas no silêncio, a escrita lhes [às mulheres] permitia falar – mas só até certo ponto. Elas próprias se autocensuravam, evitando certos temas ou, ao abordá-los, se penitenciavam por terem se expressado daquela forma”.

Embora a revolução literária no Brasil, ocorrida após 1922, tenha permitido que certas escritoras brasileiras como Raquel de Queiroz e Cecília Meireles ficassem nacionalmente famosas, até o começo da década de 1960, a publicação de memórias femininas ainda era algo muito pontual. Ao longo daquela década, tais obras começaram a ser mais frequentes nas editoras, mas apenas nos anos 1970 e 1980 ocorreu a verdadeira alta das obras femininas de cunho memorialístico.

Para Maria Helena Cardoso e Ruth Bueno, mais do espaço de desabafo, sua escrita tornou-se uma forma de resistência. Elas provaram, com suas escolhas, conhecidas através de suas obras, que a visão segundo a qual as mulheres devem ser obedientes e silenciosas não poderia estar mais equivocada. Rompendo com o estereótipo de que mulheres são, por natureza, seres submissos e desprovidos de “quereres” próprios, as escritoras escolheram como queriam viver suas vidas. Não se casaram, não tiveram filhos, fizeram faculdade, ingressaram no mercado de trabalho e optaram por priorizar suas vontades numa época na qual mulheres, infelizmente, tinham muitos “deveres” e pouquíssima voz.

Tomando posse da linguagem, reivindicaram espaço, direito à fala e se fizeram ouvir. Além disso, a partir de seus diários e memórias, com relatos repletos de sentimentos e detalhes, permitiram que seus leitores

conhecessem suas histórias, suas famílias, suas emoções, seus corpos e, por vezes, até mesmo seus desejos mais ocultos, geralmente escondidos “lá onde ninguém vê”.

Maria Helena Cardoso, a “Lelena”, nasceu em 24 de maio de 1903, em Diamantina-MG. Fez curso primário em Curvelo e depois se mudou, com sua família, para Belo Horizonte, concluindo o curso secundário e entrando na Escola de Farmácia. Formou-se e, em 1923, mudou-se novamente com a família – dessa vez para o Rio de Janeiro. Embora nunca tenha exercido sua profissão, teve três empregos diferentes até se aposentar em 1967.

Neste mesmo ano, Helena lançou seu primeiro livro, “Por onde andou meu coração”, aos 63 anos. Sempre modesta, se recusava a se reconhecer como escritora e, quando questionada, dizia que, na verdade, o escritor da família era seu irmão, Lúcio Cardoso.

De acordo com Maria Inês de Moraes Marreco – autora do livro *Para aplacar uma grande saudade: a obra de Maria Helena Cardoso* –, em entrevista a Paulo Henrique Silva (2015), na geração de Lelena, “quando se tinha na família um homem famoso, acontecia de as mulheres ficarem um pouco na obscuridade. Maria Helena se privou de escrever por muito tempo por achar que o escritor era o Lúcio”.

O sucesso da primeira obra memorialística de Helena foi tanto que lhe rendeu dois prêmios, o 10º Prêmio Jabuti, pela categoria estreadante, e o Prêmio Fernando Chinaglia, oferecido pela União Brasileira dos Escritores. Depois disso, a mineiralançou ainda mais dois livros, “Vida-Vida”, em 1973, e “Sonata perdida: Anotações de uma velha dama digna”, em 1979.

Já Ruth Maria Barbosa Goulart, a “Ruth Bueno”, nasceu em 19 de janeiro de 1925, em Juiz de Fora (MG). Formou-se em Direito, no Rio de Janeiro, pela Faculdade de Direito Cândido Mendes (ou Faculdade Brasileira de Ciências Jurídicas). Ocupou cargos no conselho da OAB, na diretoria do IAB (Instituto dos Advogados Brasileiros) e na CIM (Comissão Interamericana de Mulheres). Produziu trabalhos jurídicos estimados por todos, trabalhou como professora e graças às suas obras tornou-se, também, escritora.

Seus escritos literários, diferentemente de suas produções jurídicas, eram mais restritos, confidenciados à um seleto grupo de amigos. Publicou sua primeira obra, “Diário das máscaras”, em 1966. Posterior-

ormente, a escritora ainda lançou mais nove livros e conquistou, pelo menos, cinco prêmios.

Tanto Maria Helena Cardoso quanto Ruth Bueno escolheram lançar suas obras memorialísticas antes mesmo do *boom* editorial da década de 1980 e ainda assim, mesmo sem saber, contribuíram para a literatura brasileira.

### **3. *Sobre corpos, emoções e o “ser mulher” nas obras de Maria Helena Cardoso e Ruth Bueno***

Para Lilian de Lacerda, “Por onde andou meu coração” “(...) tematiza, ao contrário de outros depoimentos femininos, o amor na juventude; as frustrações do coração; os complexos e baixa estima da adolescente; a infância, a mocidade; a vida ao lado de amigos, irmãos, colegas de colégio, admiradores e dos livros” (LACERDA, 2003, p. 142). E é através destas tematizações que Maria Helena apresenta, de forma fragmentada e sem ordem cronológica, suas lembranças. A análise realizada nos permite concluir que, durante seu compartilhamento de memórias, a escritora transita por uma série de sentimentos, emoções e sensações. Felicidade, tristeza, egoísmo, amor, medo e alívio são apenas alguns, entre tantos outros que podem ser encontrados ao longo de obra memorialística.

Alguns sentimentos como a saudade, no entanto, mostram-se com frequência maior ao longo de sua narrativa:

[...] Nunca esquecerei do aperto que senti no coração naquela tarde: deixara para trás a casa da minha avó, humilde e pobre, mas povoada de amor e alegria; minhas amigas, meus brinquedos, tudo sumira de repente. Tinha ainda no ouvido o chiar dos carros de boi atravessando as empoeiradas ruas da cidade, os ruídos das máquinas da sala de costura e do quarto de vovó, as conversas das alunas da minha tia, as vozes entoando o terço antes da merenda, as conversas dos moradores da cidade passando pelo beco ao lado da sala de costura. Foi aí que senti saudade pela primeira vez” (CARDOSO, 1974, p. 4)

Ou ainda:

Como estão longe aqueles dias de procissão, a nossa infância feliz!

Quantas vezes, aquele estado de semi-inconsciência, entre o sono e o despertar, vivo em memória tudo aquilo que passou e não volta mais: a nossa cidade, a casa de vovó, onde vivemos os primeiros anos, o quintal que revejo com os olhos daquele tempo, imenso, misterioso, cheios de atrativos; a velha cisterna que me fascinava. (CARDOSO, 1974, p. 29)

A leitura de seu texto também nos permite concluir que Helena, aliando sua forma de narrar os fatos à riqueza de detalhes e ao seu talento para escrever, transporta seu leitor até o momento exato do acontecimento narrado, tornando toda a narrativa ainda mais emocionante. Como exemplo, temos o relato a respeito da Semana Santa:

Mas a melhor festa era mesmo a Semana Santa. Durava mais tempo, os preparativos longos, as solenidades mais suntuosas e comoventes. Eram duas procissões: a de Encontro e a do Enterro. Não se dispensavam os figurantes vivos: Madalena, Verônica, Nossa Senhora, representadas por moças escolhidas dentre as mais bonitas da cidade. No trajeto que fazia, os moradores das ruas nele incluídas, todos, por mais pobres que fossem, queriam contribuir para seu brilho. Na de Enterro, as ruas eram alcatifadas com folhas perfumadas e, às janelas de cada casa, se viam desdobradas as mais belas colchas que houvesse: de sede, algodão, bordadas, adomadas, coloridas, de veludo, de tudo, pois desde o rico até o pobre, todos queriam honrar a Deus. Na procissão de Encontro o ponto culminante eram os encontros de Verônica e Madalena com Jesus nos “passos” espalhados pelas ruas da cidade. A multidão que acompanhava, parava em frente a um passo e a figurante entoava o canto ensaiado para a ocasião, havendo verdadeira competição da mais bela voz, o costume mais rico e bonito. Semanas antes as roupas de Madalena, Verônica e Nossa Senhora vinham sendo discutidas em todas as rodas, cada qual com a sua preferência. Em casa, a criança acompanhava o movimento pois minhas tias, muito devotas, não perdiam uma só das cerimônias, mas a mim, o que mais me impressionava era a chegada do cortejo à velha matriz, o silêncio da multidão que se comprimia ao franquear sua porta principal, os centuriões romanos, com sandálias douradas, as plumas na cabeça, as lanças, cujas pontas batiam no assoalho da igreja, fazendo um barulho surdo que acompanhava as matracas. Aquilo tudo me causava uma emoção enorme, de mistura com as luzes, o cheiro de incenso e, para mim, era aquela hora em que Deus morria. (CARDOSO, 1974, p. 25-6)

Existem ainda, sentimentos e emoções que parecem ser, como informado, pelo escritor Walmir Ayala (2007 *apud* LEÃO, 2015), o grande diferencial de Maria Helena Cardoso: a alegria, o amor e a gratidão. E através dos relatos, vemos que Helena não restringe seu amor a seus familiares. Ela o partilha com, praticamente, todos que cruzaram o seu caminho. Não satisfeita, distribui também gratidão aos quatro ventos, mostrando, no decorrer de sua narrativa, como é grata a todos aqueles que passaram por sua vida e a todos os momentos que viveu, até mesmo os mais difíceis.

Em sua obra, a escritora fala ainda sobre a morte, porque, como dito por Ayala, por ser um livro que conta fielmente a história de uma vida, é normal que também fale muito sobre a morte.

Walmir Ayala (2007 *apud* LEÃO, 2015, p. 67) afirma também que, nesta obra em especial, a morte torna-se uma espécie de usina de saudade e:

[...] nesta usina a fonte de uma luz na qual os mortos são vistos em toda a sua íntegra relação humana. Os mortos estão comodamente sentados na lembrança, com tom amorável de sua participação anterior, com seu desatino e obstinação, vinculados como inesquecíveis personagens de um novo ciclo de romance que, à maneira de Bíblia, ou à maneira de Proust, recompusesse a fábula universal da alma humana, a partida de regiões mágicas e terrestres. (AYALA, 2007 *apud* LEÃO, 2015, p. 67)

Já em relação às obras analisadas de Ruth Bueno, “Em psicanálise” e “Diário de máscaras”, a gama de sentimentos e emoções é um pouco mais restrita do que a apresentada por Maria Helena Cardoso. Por entre suas páginas, a escritora transita entre felicidade e alegria, saudade (de seu pai, da sua infância e, até mesmo, de seu analista) e, principalmente, solidão (que para a escritora, é cármica). “Saudade de escrever. Foram dias bons, alegres, de praia e restaurante. Tive companhia o dia inteiro, mas tive o tempo todo sem companhia. Companhia agora, para mim, seria uma, apenas uma, que me foge. Daí, as companhias, no plural.” (BUENO, R. 1966, p.149).

Maria José Motta Viana (1995, p. 59) considera que:

Para Ruth Bueno, importa muito mais calcar no papel as várias faces/máscaras de um mesmo *eu*, traçando no caderno o desenho de seus sentimentos, emoções e idiossincrasias, do que relatar fatos e acontecimentos, já que estes acabam sendo nivelados numa escala da importância pelo filtro de sua sensibilidade perscrutadora do sentido maior que a vida deve conter. Neste incessante aprisionar com as letras no papel os vários retratos de si, busca a composição de uma imagem mais inteira, mais real, apesar de sempre uma imagem do espelho. (VIANA, 1995, p. 56)

Ruth, assim como Maria Helena Cardoso, sempre se refere ao passado com nostalgia e, através de sua narrativa, parece desejar voltar no tempo, independente do relato ser sobre Paris, sobre os momentos agradáveis junto de seu pai ou sobre um chá no jardim da Dona Ema, uma antiga vizinha:

Terminando o passeio ao quintal, voltávamos ao gramado. Dona Ema já nos esperava com umas balas feitas em casa, embrulhadas em papel branco, iguais em simetria e gostosas a valer. Enchia nossos corações e deixava-nos ir. Ria-se de ver nossa alegria. Ainda a vejo, agora, de vestido marrom, saia rodada, até os pés; volteando a gola, rendinha branca, que descia na frente, junto aos botões da blusa. As mangas, compridas; os cabelos, claro-grisalhos, em coque, preso no alto da cabeça.

A figura de Dona Ema tanto marcou nossa meninice, que um dia, me lembro bem, ganhamos bibelôs de louça – uma família inteira – batizamos de dona Ema uma vovó de marrom, sentado, com o vestido longo. Tínhamos em casa o modelo em bibelô e quando em quando – “sem muito repetir para não cansar” – a dona Ema de verdade, servindo chá à sombra, no gramado, e dando-nos de presente uma tarde alegre, dessas que deixam saudades. Para sempre. (BUENO, R. 1966, p. 152)

A escritora demonstra também, ao longo da narrativa, que saudade não precisa significar, única e exclusivamente, tristeza ou solidão. Pode ela, também, significar alegria: “Saudades não é só ausência, falta, solidão, anseio. É antes o momento de alegre encontro, que este, sim, perdura na lembrança. Saudade para mim é tantas vezes alegria. É o momento que volta na lembrança. Volta com o tempo. Volta num ritmo de dança, em notas de uma canção, na melodia...” (BUENO, R. 1966, p. 66).

Curiosamente, existem, ainda, momentos em que a advogada usa seu diário para falar de amor. O amor que sente por seu sobrinho, Evandro, que tanto a alegra, com suas cartinhas e demonstrações de afeto, que nutre por seu analista e do que um dia nutriu por seu falecido pai, seu amor inconsciente da infância.

[...] O verde que prefiro, era a cor favorita do meu pai. Os sapatos, que os tenho sob medida, e em quantidade, eram também o fraco do meu pai. A golinha branca no vestido colorido que detestava, meu pai tinha pavor. As roupas passadas esticadas, de que tanto gosto ao sair, são iguais aos vincos das calças perfeitos, ao paletó escovado de meu pai. Ah, tudo vejo agora, banhado em luz. Se tu não querias que outros vissem meu rosto, era para que não tivesse de contar-lhes a triste história dos meus olhos. Porque tu querias que eu fosse bela, como as outras. (BUENO, R. 1983, p. 26)

Curiosamente, Ruth parecia ver, em seu diário, seu único lugar seguro para a expressão de seus sentimentos e emoções, como aparenta na passagem em que diz: “Não sei me despedir. Quanto sinto em mim a grande saudade, fico muda. Quando falo, é para escrever. Morre comigo, ou nas tuas páginas, caderno branco de pauta listadinha, tudo o que eu não disse.” (BUENO, R. 1966, p. 112).

A professora abordava também, assim como Lelena, a questão da “morte” e medo em seus relatos:

Pensa cada vez mais na morte, agora tranquilamente. A morte é uma rosa, basta beber-lhe o perfume e adormecer. Gostaria de ter uma rosa em minhas mãos, deitar-me, sorver-lhe o aroma adocicado enquanto espero que venhas. O compasso da morte no ritmo da música. Um instante de angústia

tia e depois o silêncio na solidão maior. Antes termina a morte que cada dia se aproxima. Vejo-a, esta noite, como a eterna companheira a guiar meus passos até aqui. (BUENO, R. 1983, 40-1)

Por último e, provavelmente, o ponto que mais chama atenção, em virtude de toda a censura imposta na época de lançamento do diário, Ruth falava de desejo, prazer, sexo e orgasmo em seus relatos:

Pararam as tuas mãos. Enlaçam-me apenas. Tu te esqueces das tuas mãos. Caminhem tuas mãos sem descanso. Caminhem sobre meu corpo. Rijas prende-me os seios, que engrandecem. Teus lábios tocam-nos; tu fezes manso, para tomá-los de uma vez, um por um, dentro da tua boca. Voltam as tuas mãos. Prendem-se à minha cintura, afinando-a sempre mais. Seguro-me a teus cabelos e rio-me, contente, no teu rosto. Mas o riso morre nos meus lábios, que prendem os teus. Estás mais perto de mim agora. Muito mais. De repente te afastas. E olhas meu corpo, olhando o teu. Novo sorriso nos teus lábios, que se contraem. Voltam as tuas mãos, correm minhas pernas, e em cada artelho pões um beijo de presente. Caminhem tuas mãos sobre minha pele cansada de ausência; elas vão e vêm, e entram no meu corpo que eu já não comando e é presa do teu carinho... (BUENO, R. 1966)

Outro tema importante nas obras de Ruth Bueno e Maria Helena Cardoso é sua condição de mulher. Por meio da análise de seus textos, nota-se que, fugindo às convenções da década de 1960, quando ainda se considerava que todas as mulheres deveriam se casar e ter filhos, ambas apresentavam grande apreço pela liberdade, cada uma a seu modo. Escolheram ficar solteiras numa época na qual, de acordo com Cláudia J. Maia (2011, p. 109), optar pela solteirice era motivo de condenação moral e “sinônimo de desqualificação social”. O medo de ser estereotipada como “solteirona” era tanto que acabava, por vezes, forçando as mulheres ao matrimônio.

Ambas as diaristas escolheram como queria viver, e não permitiram nem mesmo que pessoas queridas, como familiares e amigos, interferissem em suas decisões.

Ruth era advogada, solteira, vivia sozinha, adorava viajar e se recusava a ser estereotipada. Expunha esta opção não só através de seu diário como também em suas atitudes. Além de narrar acontecimentos do seu presente (e de seu passado), pensamentos e determinados questionamentos, também escrevia sobre seus desejos e a respeito da sua vida sexual. Algo que, que para época, era extremamente incomum e chegava até a ser considerado subversivo. Hoje, no entanto, o termo “revolucionário” parece soar melhor.

Como exemplo da exposição de seus desejos temos parte do relato do 18 de janeiro de 1966, encontrado na obra “Em psicanálise”:

As mãos, as mãos dele, foi a mulher que há em mim que as viu. Ele não sabe disso. Ainda. São as longas, simples, espontâneas, caem bem sobre seus braços. Falam até. As mãos dele, eu as quero, conscientemente. Os olhos, foi meu inconsciente quem quis. Cada dia que passa, mais me enamoro daquelas mãos, que quisera para mim. Trago-as no corpo inteiro, amansando-me, percorrendo-me, segurando as minhas sem frouxidão. Amanhã conto a ele este detalhe.. (BUENO, 1983, p. 28)

A escritora expunha também, em determinados relatos, sua opinião a respeito do “ser mulher” e de determinados comentários e “acontecimentos” machistas que, de certo modo, a incomodavam, como comprovavam as duas passagens encontrados em “Diário de máscaras”:

Temos diretos, escritos, no papel. Falta para nós mulheres, um lugar ao sol. Nosso trabalho é dúvida, o mérito, uma reticência... Nossas fraquezas marcam, fazendo nossa fama. Querem-nos como nos querem, e se esquecem de que também pensamos. Mas não nos tomam a sério. Ainda somos apenas brinquedo. (BUENO, R. 1966, p. 28)

E Ruth recusava-se a ser mais um brinquedo. Lutava pela sua individualidade, contrariando as expectativas da sociedade de então. Ela contestava também as críticas que se faziam às mulheres que resolviam agir de maneira diferente do que era esperado delas:

[...] A maior culpa foi lançada aos pais e aos tempos em que vivemos. Acharam também que moças são muito ousadas e os... pobres rapazes se deixam levar. Fiquei ouvindo e pensando. Não vejo culpa nas meninas de agora; as de hoje são as mesmas de ontem: falta-lhes experiência. “Aceitam convites impossíveis”, disse alguém. Não é bem assim que o assunto deve ser encarado... (BUENO, 1966, p. 28).

Fazia ainda um apelo aos homens, pedindo que tratassem as mulheres como adultas, e não como seres destinados a serem guiados por mãos masculinas:

O que nós mulheres conscientemente pedimos aos homens é sermos tratadas como adultas e não tomadas hoje, ontem, e desde os séculos sem fim, como tontas, sem capacidade de autodeterminação, destinadas, eterna e docemente, a deixarmos-nos guiar por suas sábias mãos. Sem que conte o nosso querer, o nosso pensamento. Este pensamento quase me aniquila, porque atingi-lo parece-me, ainda agora, tanto quanto em 1949 me parecia, barreira intransponível. (BUENO, 1966, p. 91)

Estas, entre outras passagens encontradas no decorrer das obras memorialísticas de Ruth Bueno, “Em psicanálise” e “Diários de máscaras”, demonstram o quanto a diarista rechaçava os “padrões” da época e a

ideia de que as mulheres eram criadas para serem submissas aos seus pais e, mais para frente, aos maridos.

Maria Helena Cardoso também não se distancia do posicionamento adotado por Bueno. Em “Por onde andou meu coração”: fala muito sobre mulheres, sobre suas forças e seus predicados. E Walmir Ayala (2007 *apud* LEÃO, 2015, p. 110), Helena contava, em suas memórias, histórias de seu “mundo familiar povoado por mulheres místicas e heroicas”.

Para Cláudia J. Maia (2013), o texto memorialístico de Maria Helena Cardoso:

Ao contrário das memórias masculinas que frequentemente privilegiam pessoas de prestígio social de grandes "feitos", ela descreve mulheres simples, plurais e que escapam aos padrões e ideais femininos do período rememorado, construídos pelas representações de gênero. Assim, longe de mulheres fracas, sujeitadas, desprovidas de inteligência, econômica e emocionalmente dependentes que constituem as representações femininas instituídas no passado, Helena escreve e inscreve na realidade histórica mulheres fortes, capazes, livres e independentes. Sua escrita contribui dessa maneira para a desconstrução das imagens que tradicionalmente associam as mulheres à passividade e submissão tanto na História, quanto na Literatura. (MAIA, 2013, p. 109)

Ao longo das páginas de seu primeiro livro, Cardoso traz histórias que dão, às mulheres de sua família, um enorme crédito pela pessoa que ela se tornou. Cercada de afeto, amor e força, a concepção que a mineira construiu do “ser mulher”, muito provavelmente, teve como base principal o exemplo que recebeu em casa: o das mulheres de sua família. Mãe, avó, tias e irmãs que, dia após dia, errando e acertando, lhe serviram de inspiração.

Em seus relatos, Maria Helena fala muito sobre sua mãe, “Nanhá”. Dedicada, amorosa, defendia seus ideais, não importava o custo. Mesmo levando uma vida difícil, afundada em trabalho, sacrifícios e tendo de lidar com a infidelidade e ausência constante do marido, superou cada um dos obstáculos em nome do amor que sentia pelos filhos e na esperança de que se tornassem homens importantes e mulheres dignas. Inteligente e culta, interessava-se por política e era muitíssimo admirada em Curvelo – cidade de Minas Gerais onde viviam - por seus predicados. Ainda assim, isso não a impediu de criticar a filha a respeito de suas escolhas. Afinal, era humana e havia sido criada no interior do Brasil, onde as coisas eram muito diferentes, como podemos observar na seguinte passagem:

[...] Foi um período de fortes lutas em casa. Mamãe não se conformava com o meu novo sistema de vida. Tinha me educado sob os mesmos princípios que recebera da mãe e não compreendia que me libertasse de certos preconceitos depois de velha. Que escândalo, entrar em casa depois das onze horas, ficar sentada em mesas de bares noite adiantada? Aquilo não era direito, estava me tornando uma “libertina...” (CARDOSO, 1974, p. 329)

Além de sua mãe, Helena tinha também, como exemplos, sua avó, Leopoldina e sua tia Eudóxia, “Tidoce” que, de acordo com a diarista, trabalhou a vida inteira para ajudar sua família e viveu em função do amor que dedicava aos seus.

[...] Dia e noite as máquinas batiam naquela casa: minha avó, viúva há muitos anos, criara onze filhos com o dinheiro do seu trabalho, fazendo roupas para homem. Mais tarde, as filhas crescidas também se dedicaram ao mesmo ofício, cosendo para senhoras, e quando mamãe se casou, Tidoce, a filha mais velha, assumiu toda a responsabilidade do atelier, conseguindo manter a família exclusivamente com o que ganhava... (CARDOSO, 1974, p. 20)

De importância similar para a escritora, pareciam ser suas outras tias que, solteiras, dedicaram-se também à família. Segundo Maria Helena, Sanoré, era muito religiosa e dedicava-se, desde sempre, aos mais pobres. Bondosa, ingênua e gentil, mostrava-se sempre pronta a ouvir e ajudar. Dazinha, por sua vez, era geniosa. Após contornar os percalços de uma infância difícil, tornara-se uma excelente dona de casa, administrando as coisas como ninguém.

Além de sua família, a autora apresenta também, ao longo de seus relatos, mais uma dúzia mulheres extraordinárias que são solteiras, casadas, mães, donas-de-casa, religiosas, empregadas, professoras, prostitutas e que, dentro de suas realidades, são um exemplo de força. Exemplo de seres pensantes e que merecem ter voz.

A análise nos permite concluir ainda que, por vezes, até a própria Helena questionava-se, com base nos padrões da época, sobre suas ações. No entanto, ciente de que era apenas uma preocupação sem sentido, tentava afastá-la:

[...] Aqueles dois amigos eram mais do que eu poderia desejar e escrupulos me assaltavam muitas vezes: não estaria sendo coquete retendo, mesmo involuntariamente, a amizade entusiasmada daqueles dois jovens? Sabia que muita gente murmurava contra mim, achando estranho o afeto que nos unia. Estaria errada a minha atitude? E se estivesse? Afastava a preocupação e me deixava viver feliz. Que mal em se ter amigos e que importância em que fossem jovens, desde que nos queríamos mesmo assim? (CARDOSO, 1974, p. 339)

Independentemente de seus questionamentos, Helena seguia com sua vida. Tornando-se, cada vez mais, dona de si e de suas escolhas. Buscava valorizar os instantes vividos e afugentar toda e qualquer cobrança infundada relacionada a um “padrão” que não deveria existir, aproveitando sua liberdade e cuidando daqueles que amava.

Como bem concluiu Cláudia J. Maia (2013):

A Helena que vai se constituindo e se revela perante o olhar do outro é uma mulher sexagenária, culta, independente, sem beleza, que gosta de chope, gim-tônica, bares, aventuras, viagens e estradas sem destino, medrosa, mas ao mesmo tempo independente e forte. Amante da beleza, das coisas simples, da literatura, pintura, dos amigos, da vida e acima de tudo da música. Ao contrário do estereótipo da solteirona infeliz e mal-amada, Helena se mostra uma mulher feliz, que ama a vida e saber viver, se constituindo em um exemplo para outras mulheres que por opção ou não viveram solteiras. Seu modo de vida desdobra o discurso do casamento como única forma de felicidade para as mulheres. (MAIA, 2013, p. 106)

Outro aspecto fundamental em nossa análise diz respeito ao corpo. Por meio de nossas leituras, foi possível concluir que Ruth Bueno e Maria Helena Cardoso não se encaixavam na maioria dos padrões da época. Relatos de ambas levam a crer que elas não atendiam aos “modelos” de beleza da época, menos ainda aos padrões de comportamento “apropriados”.

As escritoras relatam, no decorrer de suas narrativas, que se sentiam diferentes das “outras” e não despertavam os “olhares” que tanto almejavam. Bueno afirma:

De tarde fomos para a porta na calçada. Era a hora do recreio dos garotos do Granbery, e na Rua do Sampaio eles andavam de um lado para outro. Queria um menino daqueles para mim, como o meu Carlos de brinquedo. Nenhum deles me olhava. Olhavam muito para minha irmã menor, ainda bem pequena, sempre sorrindo com o rosto inteiro. Olhavam também para as outras meninas, que moravam ao lado. (BUENO, R. 1983, p. 25)

Para Maria Helena Cardoso, também não era diferente:

Há muito tempo Álvaro perseguia Zizina com aquela história de olhos lindos, olhos de estrela, o que me fazia cismar. Por que não dizia que também os meus eram de estrela? Deviam ser bonitos olhos de estrela, se brilhavam tanto quanto as que eu contemplava no céu, à noite, na porta da rua, enquanto esperava, sentada no degrau, minha vez pular corda. Álvaro gostava de Zizina e onde a encontrava queria ver “os olhos de estrela.

Todo mundo gostava de Zizina, pensava, diziam que era linda. De mim ninguém dizia isto. Seria feia? Bem que gostaria de ser bonita, de ter “o-

lhos de estrela” e ser convidada para fazer o “anjo das pastorinhas”. Mas Tidoce tirava todas as minhas esperanças, dizendo:

– Maria Helena não tem jeito, cada vez mais “espicho”. Nada fica bem pra ela.

Se eu pudesse ser bonita!” (CARDOSO, 1974, p. 306-307)

Por não seguirem o modelo “ideal” da época e não integrarem o grupo de mulheres que, teoricamente, deveriam ser “belas”, frágeis, desprovidas de inteligência e submissas, acabavam por destoar das demais. Além disso, como já foi dito anteriormente, ambas valorizaram sua liberdade e direitos, conquistados com muito esforço. Assim, por não obedecerem a um determinado padrão imposto pela sociedade e não se enquadrarem no modelo que era considerado “adequado” pelo senso comum, não apresentavam corpos dóceis. Agiam como resistência e não possuíam um lugar na “comunidade”.

#### **4. Considerações finais**

Enquanto Ruth Bueno encontrou, em seus diários, “doces companheiros” e lugares para guardar suas tristezas e alegrias, Maria Helena Cardoso, por sua vez, encontrou, em suas memórias, uma chance de preservar tudo aquilo que amou e que não voltaria.

A análise das obras “Por onde meu coração”, de Maria Helena Cardoso, “Em psicanálise” e “Diário das máscaras”, de Ruth Bueno, nos permite concluir que as obras refletem, claramente, os corpos, as emoções e os ideais de suas respectivas diaristas. Através de seus relatos, falam de amor, alegria, tristeza, gratidão, medo, solidão e ousadia.

É possível sentir, por meio de seus relatos, as emoções das escritoras e, de certo modo, ainda que apresentem estilos e linguagens bem diferentes, “Lelena” e Ruth parecem possuir um talento semelhante, o de, através de simples vestígios, transportar seus leitores até o momento da memória ali partilhada.

Conclui-se ainda que, tanto Maria Helena Cardoso quanto Ruth Maria Barbosa Goulart, independentemente de suas criações, eram mulheres muito à frente de seu tempo. Ambas escolheram como viver suas vidas e, em nome de tudo aquilo que acreditavam, não só não se dobraram aos padrões vigentes e conquistaram seus espaços como também, com muito esforço, escreveram suas obras e se fizeram “ouvir” num período no qual, de acordo com Zahidé Muzart (2002, p. 19) “a educação

patriarcal cerceou de maneira bárbara a vida das mulheres e estiolou muitas vocações literárias”.

Não se sabe qual ou quais foram, durante os processos de criação de suas obras, os objetivos das escritoras— apenas desabafar, resistir ou escrever para ter seu livro publicado e, portanto, seu relato compartilhado com várias pessoas? No entanto, uma coisa é certa, através de suas criações, cada qual com sua linguagem e estilo, Maria Helena Cardoso e Ruth Bueno conservaram suas recordações, lançaram suas “garrafas ao mar”, como afirma Philippe Lejeune (2014, p. 307) sobre a função do diário, e permitiram que ainda hoje, mais de cinquenta anos depois dos lançamentos de suas memórias, alguém pudesse lê-las e analisá-las com o intuito de entender como se sentiam a respeito de seus corpos, de suas emoções e sobre o que era “ser mulher” na década de 1960.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BUENO, Ruth. *Diário das máscaras*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1966.

\_\_\_\_\_. *Em psicanálise*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1983.

CARDOSO, Maria Helena. *Por onde andou meu coração*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1974.

FORTUNA, Daniele Ribeiro. Coração escuro como um segredo: o diário de Maura Lopes Caçado. In: SIQUEIRA, Denise da Costa Oliveira; FORTUNA, Daniele Ribeiro. *Narrativas do eu: gênero, emoções e produção de sentidos*. Porto Alegre: Sulina, 2019.

LACERDA, Lilian de. *Álbum de Leitura: memórias de vida, histórias de leitora*. São Paulo: Unesp, 2003.

LEÃO, Maria Luiza. *Costura e bordado na tessitura de por onde andou meu coração, de Maria Helena Cardoso, e o penhoar chinês, de Rachel Jardim*. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Letras. Belo Horizonte, 2015. 195f.

LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet*. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

MAIA, Cláudia J. *A invenção da solteirona: conjugalidade moderna e terror moral*. Ilha de Santa Catarina: Mulheres, 2011.

MENDES, Teresa; CARDOSO, Luís (Org.). A Mulher na literatura e outras artes: *I Congresso Internacional de Cultura Lusófona Contemporânea*. Portalegre: [s.n.], 2013. Disponível em: [https://issuu.com/antoniocabralfilho6/docs/ebook\\_congresso\\_internacional\\_de\\_cu](https://issuu.com/antoniocabralfilho6/docs/ebook_congresso_internacional_de_cu). Acesso em: 3 set. 2020.

MUZART, Zahidé. *Escritoras Brasileiras do século XIX*. Florianópolis: Mulheres, 2002.

SILVA, Paulo Henrique. A obra literária de Maria Helena Cardoso será lançada nesta terça-feira (22). 22 dez 2015. Disponível em: <https://www.hojeemdia.com.br/almanaque/literatura/a-obra-liter%C3%A1ria-de-maria-helena-cardoso-ser%C3%A1-lan%C3%A7ada-nesta-ter%C3%A7a-feira-22-1.349153>. Acesso em: 28 set 2020.

VIANA, Maria José M. *Do sótão à vitrine: memórias de mulheres*. Belo Horizonte: UFMG, 1995.